

26° EDIÇÃO
MINIONU

CCO (1942)

**O TEATRO DO PACÍFICO E A
BATALHA NAVAL DE GUADALCANAL**

DIRETOR
ANDRÉ ASSIS

DIRETORES ASSISTENTES
CAROLINA FONSECA
PEDRO LAN
SARA ÁVILA
THAMIRES LEANDRO
VITOR BOTELHO

GUIA DE ESTUDOS

11 A 14 DE OUTUBRO DE 2025

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA EQUIPE.	3
1.1 Diretor André Dias.....	3
1.2 Diretora Assistente Carolina do Carmo	3
1.3 Diretor Assistente Pedro Lan.....	3
1.4 Diretora Assistente Sara Ávila.....	4
1.5 Diretora Assistente Thamires Leandro	4
1.6 Diretor Assistente Vitor Botelho.....	4
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	5
2.1 Antecedentes	5
2.2 A Campanha de Guadalcanal	6
2.4 Unidades Marítimas	12
2.4.1 Navios Encouraçados.....	13
2.4.2 Navios Contratorpedeiros.....	13
2.4.3 Navios Cruzadores.....	14
2.4.4 Navios Porta-Aviões.....	15
2.5 Outras Unidades	16
2.5.1 Unidades Aéreas.....	16
3. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ.....	17
4.2 Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa	20
5. QUESTÕES RELEVANTES NAS DISCUSSÕES.....	20
6. TABELA DE REPRESENTAÇÕES	21
REFERÊNCIAS	22

1. APRESENTAÇÃO DA EQUIPE.

1.1 Diretor André Dias

Caros delegados, meu nome é André Assis, e lhes dou as boas-vindas ao CCO 1942: *O Teatro do Pacífico e a Batalha Naval de Guadalcanal*. Tenho 22 anos, sou estudante do 6º período de Relações Internacionais na PUC Minas e o MINIONU me foi apresentado um pouco antes de eu entrar no curso, quando estava tendo uma conversa informal com colegas que fiz em um trabalho para um evento, lá diversos colegas que na época eram diretores me apresentaram o projeto com entusiasmo, e um dos que mais me interessou foi a proposta de um comitê de guerra. Apesar de eu me interessar por outros temas além da segurança, a ideia de poder simular e praticar estratégias de batalha muito me encantaram e me motivaram a seguir este caminho pouco visto no MINIONU, espero que todos tenham uma ótima experiência, que usem suas melhores estratégias e capacidade de negociação com as outras delegações, e é claro, que se divirtam muito!

1.2 Diretora Assistente Carolina do Carmo

Caros delegados, meu nome é Carolina do Carmo, e lhes dou as boas-vindas ao CCO 1942: *O Teatro do Pacífico e a Batalha Naval de Guadalcanal*. Tenho 20 anos, sou estudante do 6º período de Relações Internacionais na PUC Minas e o MINIONU me foi apresentado no primeiro período do curso, e naquele ano me inscrevi para ser voluntária. Esse é meu terceiro ano participando desse projeto e pela primeira vez estou em um comitê que aborda um tema relacionado a segurança, o que me deixa mais animada para o MINIONU deste ano. Acredito que propostas de simulação de estratégias de batalha em ambientes diplomáticos, como está sendo proposto pelo CCO esse ano, não são tão comuns e, por isso, espero que os senhores delegados possam tirar muito proveito dessa experiência. Esperamos vocês no CCO 1942, nos vemos em outubro!

1.3 Diretor Assistente Pedro Lan

Olá, delegados! É com muito prazer que desejo a todos boas-vindas ao nosso Centro de Comando Operacional! Meu nome é Pedro Lan, tenho 24 anos e estou no 3º período de Relações Internacionais na PUC Minas. Participei de outras simulações antes de ingressar na universidade, mas fiz parte do MINIONU pela primeira vez no ano passado, atuando como voluntário de logística. Esse ano, decidi me candidatar à diretor assistente do CCO, pois fiquei muito entusiasmado com a existência de um comitê que irá simular estratégias de batalha em

tempo real. Tive a oportunidade de participar como delegado de um comitê de Guerra, a Rebelião Satsuma, e tive uma ótima experiência. Espero usar os conhecimentos que adquiri nesse tempo para proporcionar um evento em que todos se divirtam bastante. Estou ansioso para ver quais estratégias vocês utilizarão para alcançar a vitória!

1.4 Diretora Assistente Sara Ávila

Prezados delegados, sejam bem vindos ao nosso comitê! Meu nome é Sara Armanelli Ávila, tenho 23 anos e atualmente curso o 5º período de Relações Internacionais na PUC Minas. O MINIONU me foi apresentado assim que ingressei na faculdade, e aguardei muito ansiosa para poder ter a oportunidade de participar dele de alguma forma e felizmente veio em formato de diretora assistente do CCO 1942: O Teatro do Pacífico e a Batalha Naval de Guadalcanal. Sempre tive um grande interesse nos assuntos de guerra e segurança internacional e a faculdade os ajudou a aflorar, me permitindo estudar diversos âmbitos de conflitos e suas consequências, nesse comitê pude combinar os melhores que Relações Internacionais me pode me oferecer. Sendo assim queridos delegados, esse comitê foi o resultado de meses de muito trabalho, esforço e amor colocados nele, então esperamos que vocês se divirtam e absorvam tudo que ele tem a oferecer e tragam suas melhores estratégias para esse campo de batalha. Aguardamos vocês ansiosamente!

1.5 Diretora Assistente Thamires Leandro

Caros delegados, me chamo Thamires Fernandes Leandro, tenho 20 anos e estou no 4º período de Relações Internacionais na PUC Minas. Me interessa muito por questões humanitárias, com enfoque em direitos humanos, migração e refúgio, além de fatores culturais de países e locais diferentes do meu, em específico a Itália e seu belo idioma. Conheci o MINIONU durante o meu ensino médio e estive duas vezes no mesmo local que vocês estão e posso dizer com propriedade que esta experiência moldou minha trajetória acadêmica, espero que faça o mesmo com a trajetória de vocês. Sempre gostei muito de história, um gosto herdado do meu pai. Portanto, escolher um comitê histórico foi uma escolha muito fácil para mim, além de ser uma nova experiência por ser um comitê de um formato diferente, também sempre tive interesse em estudar esses períodos, portanto juntei o útil ao agradável e assim integrei essa mesa diretora tão incrível. Estou muito ansiosa em participar da mesa diretora de vocês e mal posso esperar para observar o andamento das discussões e descobrir qual será o lado vencedor na história do nosso comitê! Nos vemos durante o MINIONU!

1.6 Diretor Assistente Vitor Botelho

Caros delegados, meu nome é Vitor Samuel Botelho, e lhes dou as boas-vindas ao CCO 1942: O Teatro do Pacífico e a Batalha Naval de Guadalcanal. Tenho 21 anos e sou

estudante do 5º período de Relações Internacionais na PUC Minas. Tive o meu primeiro contato com o MINIONU já durante a minha graduação, e que, na edição passada tive a oportunidade de atuar como colaborador, o que fortaleceu ainda mais meu interesse e paixão por este projeto. Sempre fui apaixonado por História, com um fascínio especial por guerras e estratégias militares. Por isso a oportunidade de participar do CCO é um grande aprendizado e espero que seja para todos. Desejo a todos os delegados uma ótima simulação, usem as suas melhores estratégias e até outubro.

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA.

O Teatro do Pacífico, travado entre 1941 e 1945, foi um dos principais teatros de operações da Segunda Guerra Mundial e marcou a entrada oficial dos Estados Unidos na guerra, após o Império do Japão, em dezembro de 1941, atacar sua base naval em *Pearl Harbor*, no Havaí. A Guerra do Pacífico é, então, caracterizada pelo esforço das Forças Aliadas¹ – principalmente dos Estados Unidos – em conter o avanço do Império Japonês, que representava o Eixo na região do Pacífico.

2.1 Antecedentes

A rivalidade entre os Estados Unidos e o Japão, que antecedeu o ataque a Pearl Harbor, começou a se formar no final do século XIX, quando ambos os países passaram por processos de industrialização acelerada e transformações político-ideológicas significativas. Em 1868, o Japão adotou um modelo imperial com a Restauração Meiji², iniciando sua consolidação como uma potência expansionista, com conquistas territoriais e crescente influência na Ásia e no Pacífico, como a vitória na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e a ocupação da Manchúria na década de 1930 (GAILEY, 1995).

Paralelamente, os Estados Unidos buscaram se estabelecer como uma grande potência — país que possui influência significativa nos assuntos internacionais, através de poder militar, econômico, político, tecnológico e diplomático — e, após consolidar seu modelo

¹ As forças Aliadas consistiam em uma coalizão de países que se formou na Segunda Guerra Mundial com o objetivo de combater os países intitulados de Eixo. Alguns dos principais países desta coalizão foram os Estados Unidos, França, Reino Unido, União Soviética e China. O Eixo por sua vez surgiu em meados da década de 1930, e consistia em uma aliança de países com interesses expansionistas similares, sendo os principais destes a Itália, Alemanha e Japão.

² A Restauração Meiji foi uma reforma e revolução política ocorrida no Japão em 1868, que pôs fim ao Xogunato — o modelo de organização política vigente na época — e restaurou o poder imperial sob o comando do imperador Meiji. Esse retorno do império japonês foi acompanhado por um intenso processo de industrialização, impulsionado pelo receio da influência das potências ocidentais sobre o país. Para saber mais acesse: https://www-britannica-com.translate.goog/event/Meiji-Restoration?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=wapp. Acessado em 29 jun, 2025.

industrial, conseguiu expandir sua influência econômica e militar, tendo interesses que entravam em conflito com os do Japão, principalmente no quesito econômico, de influência de mercado na região do Oceano Pacífico (GONÇALVES, 2000). Uma das formas de conter as ambições japonesas³ foi mediante tratados internacionais negociados através da Liga das Nações, como o Tratado Naval de Washington⁴, que, apesar de criar limitações para a frota naval americana e britânica - as duas principais potências navais na época - tinha como principal finalidade limitar a expansão naval do Japão e de outras nações vistas como possíveis ameaças. Deste modo, os limites de unidades navais das duas potências eram maiores que os da frota japonesa, criando assim, cada vez mais tensão entre os países (GAILEY, 1995).

O conflito de interesse cresceu à medida que o Japão, na década de 30 procurava a garantia de recursos essenciais para manter seu poderio bélico, e os EUA, em contramedida, ampliaram as sanções econômicas aplicadas ao Japão, a fim de conter a ocupação da Manchúria realizada de forma extremamente agressiva pelo Império Japonês. Frente a esta situação, em 1940 o Japão, a fim de consolidar sua posição geopolítica, optou de forma arriscada por aderir ao Pacto Tripartite com a Alemanha e a Itália e se consolidar como parte do Eixo da Segunda Guerra. O Pacto Tripartite formalizou a aliança entre os três países, estabelecendo o reconhecimento mútuo de suas zonas de influência: a Ásia sob domínio japonês e a Europa sob controle ítalo-alemão. Além disso, o pacto estipulava que, caso uma nação neutra até então entrasse no conflito atacando um dos signatários, os demais deveriam prestar auxílio ao país agredido. O Principal objetivo desta ação era dissuadir os Estados Unidos de intervir em sua expansão territorial, e assim, conseguir avançar suas conquistas nas regiões do Sudeste Asiático, que eram colônias europeias ricas em recursos que o Império japonês necessitava para manter seu poderio bélico (BEEVOR, 2015).

Tendo isto em vista, após o ataque a Pearl Harbor, o Japão continuou a aplicar sua estratégia expansionista, buscando consolidar sua presença em áreas ricas em recursos naturais e ampliar suas defesas estratégicas na Ásia e no Pacífico (GAILEY, 1995). Em resposta, os Estados Unidos oficialmente declararam guerra ao Japão e deu início a um confronto direto que, juntamente de outras forças aliadas, como a da Grã-Bretanha e da Austrália, colocaram em xeque o domínio japonês, prosseguindo por uma série de batalhas que seriam decisivas para o desfecho da Guerra do Pacífico (MUELLER, 1992).

³ Para melhor entendimento das ambições japonesas e estadunidenses que motivaram a guerra, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=RQHOYyQUA68>. Acesso em 25 jun, 2025.

⁴ O Tratado Naval de Washington foi um tratado assinado pelas cinco principais potências dos aliados da Primeira Guerra Mundial - Estados Unidos, Reino Unido, França, Japão e Itália - com o objetivo de impedir que ocorresse uma corrida armamentista entre os países, assim limitando a capacidade naval dos países, tanto em unidades navais quanto na potência de seus equipamentos. Tratado disponível em: https://www.ibiblio.org/pha/pre-war/1922/nav_lim.html. Acesso em 25 jun, 2025.

2.2 A Campanha de Guadalcanal

Nos meses iniciais de 1942, um importante território disputado e conquistado pelos japoneses foi Rabaul, localizado na ilha de Nova Bretanha, na época de domínio australiano. Foi uma grande conquista e importante ponto estratégico para os japoneses, ao ser localizado a poucas milhas náuticas de outras duas bases, sendo um possível local para a alocação de aeródromos e de um forte bastião bélico. A partir da conquista do território, os japoneses se encaminharam em avançar e dominar a Papua Nova Guiné e as ilhas Salomão. Caso o Japão conseguisse o domínio destes territórios, ficaria em uma ótima posição na guerra, pois possibilitaria que as comunicações de rádio entre o Havaí e a Austrália fossem cortadas, desestabilizando as forças aliadas (REIN, 2017).

Figura I: Mapa dos pontos de domínio japoneses durante a Batalha do Mar do Coral



Fonte: MUELLER, Joseph. **GUADALCANAL 1942: The Marines Strike Back**. Londres: Osprey Publishing Ltd, 1992.

Durante estes meses iniciais, ficou perceptível que o Japão vinha conquistando grandes vitórias em suas batalhas, como se nota em abril de 1942, onde tropas estadunidenses se renderam a uma árdua disputa travada nas Filipinas. Além disso, forças navais britânicas recuaram após um ataque japonês a uma base naval localizada na Ilha Ceilão, atual Sri Lanka. Apesar de tais avanços, em 18 de abril de 1942, o coronel estadunidense James Doolittle liderou um bombardeio aéreo nas principais ilhas do Japão. O ataque estadunidense, apesar de não ter sido muito destrutivo, demonstrou a necessidade de um aumento da barreira defensiva japonesa (REIN, 2017).

Em seus avanços nas ilhas Salomão, os japoneses conquistaram a ilha de Tulagi, na região sul das ilhas. A disputa pela região ocasionou na Batalha do Mar do Coral, uma batalha naval travada entre 4 e 8 de maio de 1942, que apesar de vencida pelos japoneses trouxe grande perda bélica para o Império. Em junho de 1942, tropas de exploração japonesas

alocadas em Tulagi foram fazer uma exploração de reconhecimento na costa norte de Guadalcanal, em *Lunga Point*, encontrando um lugar adequado para a construção de um aeródromo, garantindo um posicionamento estratégico para o uso e alocação de aviões bombardeiros e outras unidades aéreas que poderiam tanto defender o restante das Ilhas Salomão, já conquistadas pelo Império Japonês, quanto atacar e ocupar novas regiões (MUELLER, 1992).

Em 23 de julho do mesmo ano, um reconhecimento fotográfico realizado por bombardeiros da Força Aérea Aliada detectou o aeródromo japonês, que estava quase completo. Tal fato alarmou os Aliados, pois a finalização do Aeródromo colocaria as forças japonesas em grande vantagem, permitindo a alocação de bombardeiros com capacidade de alcançar a Nova Caledônia, território situado mais ao sul das Ilhas Salomão, ainda fora do alcance japonês (REIN, 2017).

Deste modo, temendo a ameaça iminente que o aeródromo em Guadalcanal representava, os Aliados decidiram agir rapidamente para impedir sua conclusão. Em agosto de 1942, os Estados Unidos lançaram a *Operação Watchtower*, que marca o início da Campanha de Guadalcanal. Forças anfíbias desembarcaram na ilha e, após combates iniciais, conseguiram capturar o ponto do aeródromo, ainda inacabado, que foi renomeado como Henderson Field (GAILEY, 1995). A partir de então, Guadalcanal tornou-se palco de intensos combates tanto em forma terrestre, quanto marítima e aérea que se estenderam até fevereiro de 1943.

Figura II: Henderson Field (08/1942)



Fonte: NavSource

Guadalcanal estava posicionada em um dos pontos mais longínquos tanto das linhas de suprimento da frota imperial japonesa, quanto das linhas de suprimento da frota americana, fazendo com que ambas as frotas tivessem que gastar tempo para alocar seus recursos em

Guadalcanal, deste modo, se tornava difícil alocar uma grande quantidade de forças para a ilha sem serem interceptados pelo inimigo, e assim ambas as frotas não conseguiam dispor de uma quantidade de forças muito maior que o inimigo, que seria capaz de alcançar uma vitória esmagadora de forma fácil, o que fez a Campanha de Guadalcanal durar por tanto tempo (MUELLER, 1992).

2.3 A Batalha Naval de Guadalcanal

Durante o mês de novembro de 1942, a situação foi se mostrando cada vez mais vantajosa para os estadunidenses, que no dia 4 do mesmo mês, atacaram tropas japonesas em um de seus principais pontos de permanência em Guadalcanal, o ponto Koli. O ataque foi realizado por dois navios cruzadores, *USS Helena* e *USS San Francisco*, e um contratorpedeiro, *Sterett*. Durante este ataque, os americanos conseguiram destruir uma grande quantia de mantimentos e munição. Além disso, na mesma época, os americanos estavam começando a estabelecer facilidades para a manutenção e melhoria de seus equipamentos na ilha (JAMESON, 2017).

Durante esta fase da campanha, a principal forma dos Japoneses abastecerem os pontos que ainda mantinham controle na ilha era a partir de uma estratégia que ficou conhecida pelos aliados como *Tokyo Express*, que consistiam em operação noturnas sigilosas de envio de munições, equipamentos, tropas e mantimentos através de cruzadores leves e contratorpedeiros que partiam de Rabaul para a ilha de Guadalcanal. Porém, com o tempo a estratégia começou a se deteriorar, a baixa capacidade de carga das unidades ofensivas abastecia a Frota Japonesa na ilha abaixo do necessário. As eventuais interceptações da Frota Estadunidenses lideravam à confrontos noturnos que muitas vezes eram favoráveis aos Estadunidenses, pois tinham unidades navais mais fortes no local, além da sua vantagem área devido à conquista de Henderson Field. (JAMESON, 2017).

Diante da situação desfavorável que os Japoneses se encontravam, foi decidido um ataque em grande escala com o principal objetivo de bombardear e inutilizar o aeródromo Henderson Field, a fim de conseguirem desembarcar suas tropas e suprimentos em navios de comboio para recuperar a ilha. Para os Aliados, em especial os Estados Unidos, a defesa do aeródromo era vital para manter a superioridade aérea na região e impedir o avanço japonês (GAILEY, 1995).

A frota Imperial Japonesa planejou este ataque com base em 4 forças tarefas principais, sendo duas forças ofensivas, responsáveis pela destruição de Henderson Field, uma força de transporte, composta por 11 navios cargueiros, 12 contratorpedeiros e uma força de suporte, capaz de prover assistência aérea e à distância (POLMAR, 2006). Ao mesmo tempo, a frota americana defendia e mantinha a reposição de mantimentos e equipamentos de Guadalcanal sobre os comandos do almirante Halsey, a partir de duas principais forças-

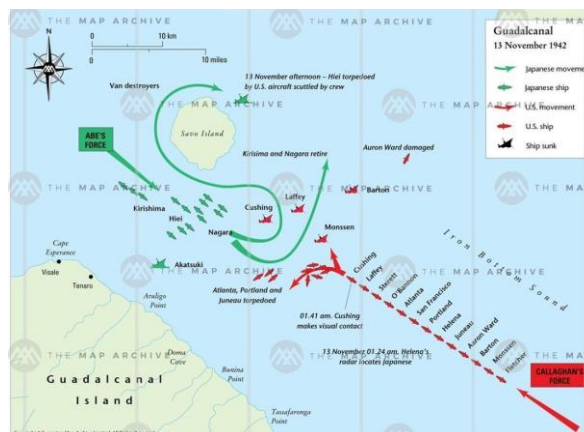
tarefa. Uma das forças era comandada pelo Almirante Kinkaid, e outra pelo almirante Turner (MUELLER, 1992).

Kinkaid, que possuía a maior quantia de navios de guerra ao seu dispor, tinha como uma de suas prioridades a proteção das forças do almirante Turner. Por sua vez, tais forças eram subdivididas em três grupos, o primeiro, comandado pelo almirante Scott, trazia reforços para a ilha. O segundo grupo, liderado pelo almirante Callaghan, tinha a função de dar suporte ofensivo e escoltar o terceiro e último grupo, comandado pelo próprio Turner era composto principalmente por navios cargueiros, que traziam abastecimento e reforços para a ilha.

Durante uma patrulha noturna na turbulenta noite de 12 de novembro, em que o grupo de Callaghan realizava, o radar do cruzador *USS Helena* detectou sinais de forças inimigas. Logo em seguida, foram revelados dois contratorpedeiros da força-tarefa ofensiva japonesa que foi designada para a fase inicial dos ataques, liderada pelo almirante Hiroaki Abe, era composta por dois encouraçados, *IJN Hiei* e *IJN Kirishima*, 14 contratorpedeiros e um cruzador leve. Sua principal função era minar as forças aéreas inimigas para possibilitar a entrada dos cargueiros em Guadalcanal (MUELLER, 1992). Rapidamente, a frota americana de Callaghan que se organizava em uma formação linear, que continham cruzadores pesados e contratorpedeiros, e totalizava em 13 unidades, se deslocaram para o norte a fim de se posicionar.

A frota Japonesa adentrou Guadalcanal por uma rota incomum, entre a ilha principal e a ilha Savo, e a força tarefa japonesa, vendo a formação inimiga, se viu diante uma decisão: continuar avançando para Henderson Field em alta velocidade, se aproveitando de seu posicionamento, ou focar em neutralizar a força tarefa estadunidense. Hiroaki Abe, diante da situação, acreditou ser mais vantajosa a neutralização das unidades inimigas, o que ocasionou no confronto direto entre as forças, iniciando a Primeira Batalha Naval de Guadalcanal. (MUELLER, 1992)

Figura III: Mapa da Primeira Batalha Naval de Guadalcanal



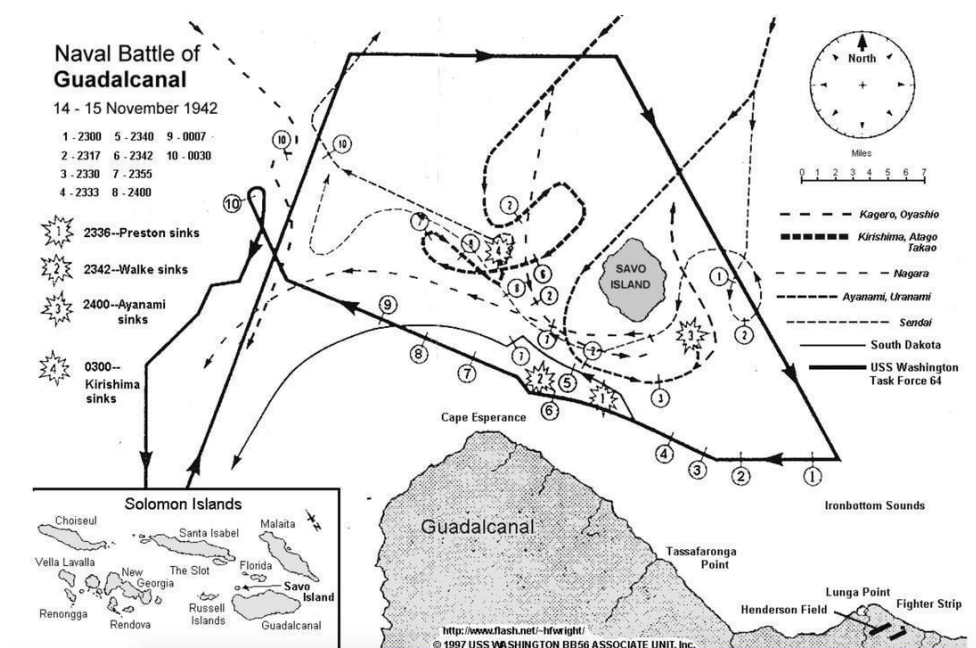
Fonte: The Map Archive

O combate noturno, que durou até o dia 13 de novembro, foi brutal e caótico, com confrontos a curta distância. Apesar de sofrer pesadas perdas, incluindo a morte de Callaghan, os americanos impediram que os japoneses atingissem o aeródromo, forçando-os a recuar temporariamente (GAILEY, 1995).

No dia 13 de novembro, os japoneses lançaram outro ataque, liderado pelo almirante Nobutake Kondou, com a intenção de concluir o bombardeio e desembarcar reforços. No entanto, ataques aéreos da Força Aérea dos Fuzileiros Navais de Henderson Field e a chegada de reforços navais americanos liderados pelo almirante William Halsey frustraram os planos japoneses. Durante a madrugada de 14 para 15 de novembro, ocorreu o confronto mais significativo, quando o encouraçado rápido japonês *IJN Kirishima* foi afundado pelo encouraçado rápido americano *USS Washington*, em um embate que demonstrou a eficiência da artilharia e mecanismo de mira americanos (GAILEY, 1995).

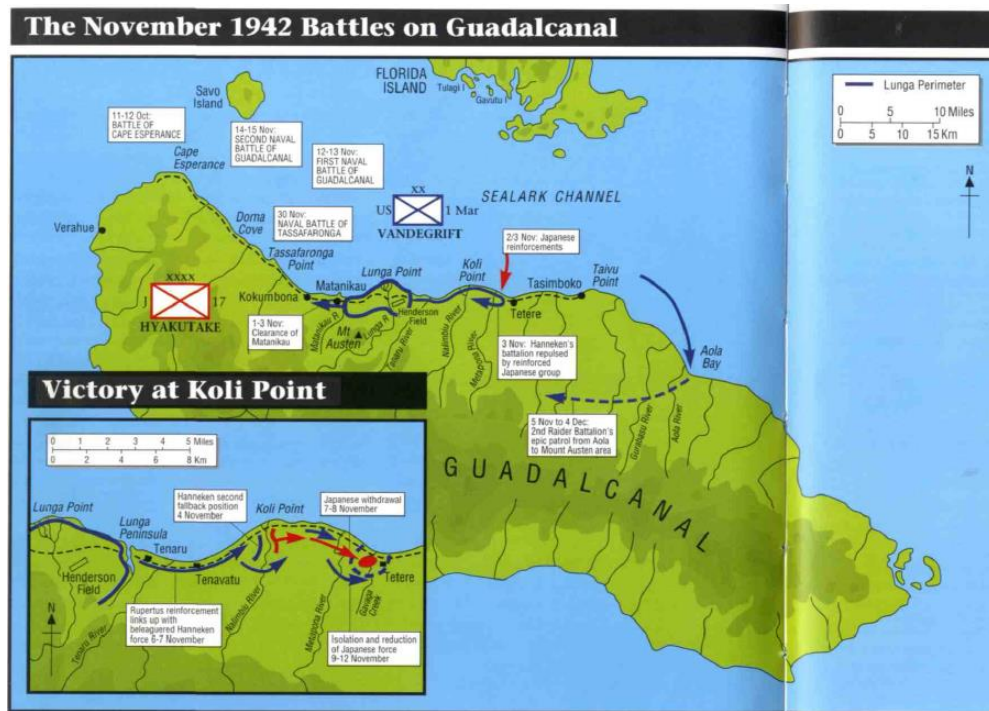
As perdas foram significativas para ambos os lados, mas os japoneses sofreram danos irreparáveis. Eles perderam dois encouraçados, três cruzadores e 11 navios de transportes, além de milhares de soldados e marinheiros. Do lado americano, dois cruzadores pesados, dois cruzadores leves e oito contratorpedeiros foram destruídos. Apesar disso, os Estados Unidos alcançaram seu objetivo estratégico: Henderson Field permaneceu operacional, e os japoneses foram forçados a abandonar Guadalcanal em fevereiro de 1943 (GAILEY, 1995).

Figura IV: Mapa da Segunda Batalha Naval de Guadalcanal



Fonte: Big Pigeon

Figura V: Mapa relatando as batalhas travadas em Guadalcanal em novembro

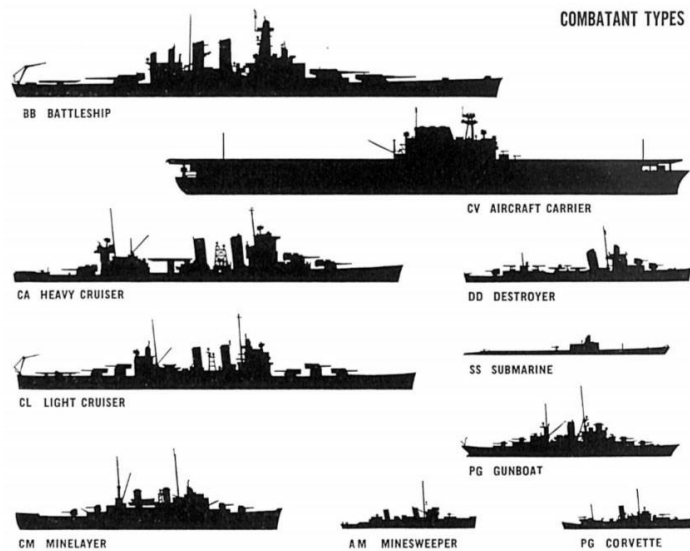


Fonte: MUELLER, Joseph. **GUADALCANAL 1942: The Marines Strike Back**. Londres: Osprey Publishing Ltd, 1992.

2.4 Unidades Marítimas

Na Batalha Naval de Guadalcanal, houve o uso de diferentes tipos de unidades navais que precisam ser melhor entendidas em suas especificidades para a elaboração de uma estratégia eficiente no posicionamento das unidades.

Figura VI: Diferentes tipos de unidades navais utilizadas na Segunda Guerra



Fonte: Naval History and Heritage Command

2.4.1 Navios Encouraçados

Os encouraçados são navios de grande porte, dotados de uma artilharia pesada, além de uma forte blindagem, sendo assim, são os principais navios em grandes batalhas navais, capazes de dar a maior quantidade de dano e tendo a maior defesa entre as unidades. Os encouraçados são geralmente escoltados por outros navios, como por cruzadores e contratorpedeiros, sendo uma das principais unidades a serem protegidas. (SANDLER, 2004)

Na Batalha Naval de Guadalcanal o Japão teve a primeira perda de um encouraçado na Segunda Guerra, sendo o navio Hiei, que foi afundado no dia 13 de novembro de 1942, durante a batalha. Porém, o uso de navios encouraçados durante a batalha foi além deste, principalmente do lado japonês, que contando com sua força tarefa de suporte à distância, teve 4 encouraçados em campo. Os Estados Unidos também utilizaram de encouraçados, porém não os tiveram à disposição a tempo para o ataque japonês do dia 12. (MUELLER 1992).

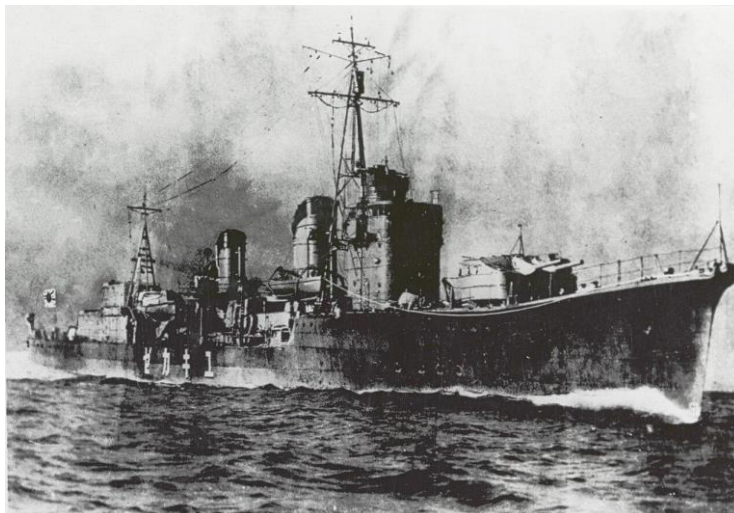
2.4.2 Navios Contratorpedeiros

Os navios contratorpedeiros podem ser definidos como unidades navais com alta mobilidade e velocidade, com alta capacidade ofensiva, principalmente através do lançamento de torpedos, que tem, como principal propósito, a escolta de navios maiores, muito utilizados em comboios. Originalmente, foram pensados para defender o comboio de tropas terrestres e outras embarcações, porém durante a Segunda Guerra, tiveram que se adaptar para também defenderem os ataques de aviões e submarinos (ADCOCK, 2004).

Durante a Guerra do Pacífico, os Estados Unidos tiveram uma importante adição em seus contratorpedeiros que os auxiliaram grandemente nas batalhas travadas, sendo a utilização de radares que permitiam a detecção da posição inimiga de forma eficaz (ADCOCK, 2004). Além disso, frente ao novo uso de unidades aéreas de forma mais ofensiva e eficaz que surgiu na Segunda Guerra, os EUA e o Império do Japão foram os únicos países que a tempo conseguiram acrescentar uma defesa antiaérea em seus contratorpedeiros. Ambos fizeram isto ao adaptar um de seus lança-torpedos para ficarem inclinados a uma altitude maior, de modo a formar um armamento antiaéreo (WHITLEY, 1988).

Na Batalha Naval de Guadalcanal, é possível notar o amplo uso de contratorpedeiros, sendo as unidades mais volumosas em ambas as frotas. Tanto na Frota do Pacífico dos Estados Unidos quanto na Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa houveram um grupo de contratorpedeiros com 8 unidades de navios durante a batalha (JAMESON, 2017).

Figura VII - Contratorpedeiro IJN Yukikaze (Classe Kagerou)



Fonte: Naval History and Heritage Command

2.4.3 Navios Cruzadores

Os navios do tipo Cruzadores podem ser entendidos como sucessores maiores e mais potentes das fragatas, navios ofensivos que surgiram no século XVII, capazes de proteger navios mercantes e atacar navios piratas ou outras fragatas inimigas. Sua principal função é a de patrulha e monitoramento, tendo como características sua agilidade e blindagem média (ADCOCK, 1999).

Um cruzador pode contar com diversos tipos de armamento, porém são características armas de médio calibre, limitadas durante o Tratado Naval de Washington a possuírem até 8 polegadas de espessura. Posteriormente, a definição de um cruzador foi modificada durante a conferência de Londres, de 1930, na qual se definiram duas subdivisões para estas embarcações, os cruzadores leves e pesados, que se diferenciavam pelo seu peso e espessura do armamento, sendo os cruzadores leves limitados a um armamento de até 6,1 polegadas (ADCOCK, 1999).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os cruzadores passaram a ser utilizados com funções mais amplas além de suas funções já características, como no suporte de contratorpedeiros em águas costeiras, em bombardeamentos costeiros e também faziam parte de forças-tarefa na escolta de porta-aviões. Muitos dos cruzadores foram modificados para se adequarem a novas necessidades e passaram a contar com ataques antiaéreos (WITHLEY, 1995).

Figura VIII - Cruzador USS Portland (Classe Portland)



Fonte: Naval History and Heritage Command

2.4.4 Navios Porta-Aviões

Os Porta-Aviões foram navios de grande destaque durante a Segunda Guerra devido à ascensão de estratégias e ofensivas aéreas utilizadas na época. Tais unidades foram inventadas no início do século XX e começaram a ser produzidas em grandes proporções em meados de 1920. Fazendo jus ao seu nome, estes navios têm, como principal objetivo, servirem como pequenos aeródromos, comportando caças e proporcionando uma área segura para sua decolagem (POLMAR, 2006).

O Império do Japão fez grande uso de seus portas aviões, sendo destaque justamente o evento que ocasionou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, o ataque a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, no qual 6 porta-aviões japoneses, comportando mais de 360 unidades aéreas fizeram o estrondo e massacrante ataque à ilha americana (POLMAR, 2006).

Durante a Batalha Naval de Guadalcanal, os japoneses fizeram o uso de dois porta-aviões, IJN *Hiyo* e IJN *Junyo* como parte de uma força tarefa de suporte que estava alocada a 150 milhas navais ao norte de Guadalcanal. A frota americana fez uso de apenas um porta-aviões durante a batalha, o USS *Enterprise*, que juntamente do aeródromo Henderson Field proveu uma forte capacidade aérea para os Estados Unidos (POLMAR, 2006).

Figura IX - Porta Aviões USS Enterprise (CV-6 Classe Yorktown)



Fonte: Naval History and Heritage Command

2.5 Outras Unidades

Durante toda a Campanha de Guadalcanal, incluindo a Batalha Naval de Guadalcanal, foi demonstrada a importância de todos os três tipos de unidades: navais, terrestres e marítimas, o que caracteriza a campanha como um todo em uma campanha anfíbia, pela combinação de unidades utilizadas no travamento de suas batalhas. Sendo assim, se faz importante levar em conta a força e impacto que tais unidades tiveram durante a campanha, como no caso das unidades terrestres, responsáveis por garantir e assegurar os pontos conquistados na ilha.

2.5.1 Unidades Aéreas

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os aviões eram utilizados de forma rudimentar, para reconhecimento e observação de frotas inimigas, e não possuíam aplicabilidade ofensiva. Porém, após as restrições na capacidade ofensiva que as unidades navais receberam após o Tratado Naval de Washington, a aviação como meio de combate ofensivo foi sendo cada vez mais testada. Deste modo, navios que tinham sido barrados por conta do tratado foram transformados em grandes porta-aviões, e houveram vários exercícios e simulações de ataque a bases costeiras e grandes embarcações por parte das grandes frotas, como da estadunidense, britânica e japonesa (POLMAR, 2006).

As consequências destes exercícios foi a ampla utilização dos aviões — tanto através dos navios porta-aviões, quanto por aeródromos em terra — como o de Henderson Field. As vantagens mais notáveis dessas unidades são os ataques estratégicos (contra navios, portos

e bases), a alta mobilidade e flexibilidade, o apoio a desembarques anfíbios e a capacidade de caça a submarinos (POLMAR, 2006).

Figura X - Avião da força Aérea Cactus em Guadalcanal



Fonte: Naval History and Heritage Command

3. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ.

Frente ao tema apresentado — A Batalha Naval de Guadalcanal — o comitê terá sua disposição organizada a partir de três salas, sendo duas delas utilizadas como o centro de comando operacional das forças beligerantes da batalha, uma caracterizada pela Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa, e a outra pela Frota do Pacífico dos Estados Unidos.

Cada frota contará com 14 delegações representando comandantes e almirantes importantes presentes no conflito real da Batalha Naval de Guadalcanal, que terão o papel de discutir e deliberar entre si estratégias de controle de recursos, posicionamento, ataque e defesa para alcançar os objetivos expostos pela mesa diretora.

Os debates entre as delegações serão realizados por um sistema de moderação à grega em blocos, cada delegação participará de um bloco operacional diferente, representando uma função estratégica específica. Cada bloco terá um tempo determinado para debaterem entre si o que irão fazer, e, após todos os blocos discutirem suas estratégias, a mesa abrirá para um debate à grega entre todas as delegações presentes, com o objetivo de realizar o posicionamento e estratégia individual das delegações. Tal processo será mediado por dois diretores assistentes, com o auxílio de um voluntário. Após isso, haverá um tempo de consulta informal, para que cada frota consiga definir sua estratégia e posições finais.

Ao final de cada turno de debate, constituído pela dinâmica acima, a mesa diretora irá anotar as estratégias decididas pelos delegados — a Ordem de Batalha — e as repassarão para a terceira sala do comitê, o Centro de Comando Geral (CCG). O CCG será uma sala restrita apenas à mesa diretora, na qual ficarão alocados dois diretores do comitê. Os mesmos terão a função de repassar as ações de ambas as frotas — obtidas por intermédio do voluntário — para uma planilha, e, caso haja um ataque entre as frotas ou outras ações conflituosas, a mesa irá decidir quem ganhará a ação de forma aleatória, por meio de rolagem de dados, com atributos e vantagens específicas para cada tipo de unidade naval.

Visto o cunho histórico do tema apresentado, é importante destacar que a ideia proposta pelo comitê não é a de uma recriação fiel aos rumos reais que a Batalha Naval de Guadalcanal tomou, mas sim um ambiente aberto para as delegações elaborarem uma estratégia que seria possivelmente melhor do que a tomada historicamente pela frota na qual a delegação representa, a fim de assim aguçar o pensamento rápido e estratégico e a capacidade de negociação que as delegações possuem. Sendo assim, é esperado que os rumos da simulação levem para um resultado diferente do histórico, com as delegações realizando novas estratégias criativas e bem elaboradas, dando a possibilidade tanto de haver uma vitória da Frota dos Estados Unidos de uma maneira diferente da histórica quanto por uma inédita vitória da Frota Japonesa nesta batalha.

É necessário ressaltar que os delegados não irão representar suas delegações só em nome e história, pois também terão que representar a função do respectivo comandante ou militar no qual ficarão encarregados. Tais funções serão ajustadas para se encaixar aos moldes e regras do comitê.

Também, é esperado que os delegados se comportem de maneira a sempre tentar elaborar, da melhor maneira possível, uma estratégia que conseguirá cumprir com os objetivos da frota que o mesmo representa, a fim de ganhar Batalha.

O comitê também tem o papel de, através do guia de estudos, materiais oficiais presentes no Instagram do comitê⁵, no site do comitê⁶ e discursos nos dias de simulação, incentivar o aprendizado histórico sobre o Teatro de Operações do Pacífico, parte geralmente pouco aprofundada no estudo da Segunda Guerra Mundial nas escolas. Também, por via dos mesmos meios de comunicação citados acima, serão levados pontos de reflexão crítica para as delegações, a fim de problematizar a questão da guerra e os gigantescos impactos negativos deixados pela mesma.

4. PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS NO COMITÊ.

⁵ Instagram oficial do Comitê: cco.1942_minionu

⁶ Site oficial do comitê: <https://ccominionu26.wordpress.com/>

Como já anteriormente citado, os 28 delegados que participarão no presente comitê representarão comandantes e almirantes que participaram da Batalha de Guadalcanal, sendo 14 destes delegados representantes da Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa e os outros 14 representantes da Frota do Pacífico dos Estados Unidos.

As delegações, além de representarem tais figuras, também irão dispor das forças-tarefa e unidades que as mesmas comandavam durante a batalha nos dias de simulação. Tendo isto em vista, é de importante destaque o entendimento das peculiaridades gerais das duas frotas, tendo o conhecimento de suas forças e fraquezas.

Sê vê de grande interesse que as delegações também entendam quais são as linhas de pensamento dos indivíduos da frota na qual estão representando. Até os dias de simulação serão disponibilizados posts através dos meios de comunicação oficial do comitê referentes à cultura e pensamento de guerra das respectivas frotas. É importante destacar que nenhum tipo de comportamento xenofóbico e preconceituoso será aceito no comitê, tanto por falas pessoais, quanto por falas representando suas delegações.

Sendo assim, no presente tópico, serão apresentadas as principais características de ambos os lados da batalha durante toda a Campanha de Guadalcanal, a fim de demonstrar quais eram seus pontos de destaque e de mazela, com o objetivo de elucidar possíveis novas estratégias que os senhores delegados possam tomar.

É recomendado o estudo de mapas cartográficos, entendimento de adversidades climáticas, noções de distância e terreno para melhor noção estratégica. Também haverá materiais de apoio disponíveis nos meios de comunicação oficial do comitê para auxiliar nestes estudos.

4.1 Frota do Pacífico dos Estados Unidos.

As tropas terrestres dos Estados Unidos mantinham dois principais problemas: a maior parte de seus combatentes tinham nenhuma ou pouca experiência em batalhas, e o equipamento da maioria era nos moldes dos equipamentos da Primeira Guerra Mundial. Apesar disso, os inexperientes soldados conseguiram aguentar bem as lutas travadas na ilha, muito por conta de estratégias de posicionamento, que colocavam os Japoneses em ângulos e locais desvantajosos, e pela estratégia de estabelecer fortes estratégicos no campo de batalha, enquanto os japoneses se locomoviam muito mais pela selva de Guadalcanal (MUELLER, 1992).

Quando se tratam das unidades navais, os americanos, apesar de terem começado a campanha com grande desvantagem, que vinha de uma série de derrotas navais desde o primeiro ataque japonês a Pearl Harbor, conseguiram se segurar e se adaptar bem durante a campanha de Guadalcanal, consertando seus erros críticos ao longo das Batalhas e se fortalecendo cada vez mais (MUELLER, 1992).

4.2 Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa

Uma grande desvantagem que os Japoneses tiveram foram as forças de suas tropas terrestres, seus soldados. Apesar de muito habilidosos em ambientes desfavoráveis, tais quais eram as grandes florestas de Guadalcanal, os soldados Japoneses tinham diversos problemas na eficiência de sua estratégia, além do risco que corriam ao embarcarem em grandes expedições no meio das florestas da Ilha. Um problema que ficou muito comum e foi desastroso para os soldados Japoneses foram as doenças tropicais que principalmente assolaram as suas tropas. Durante toda a campanha, mais de 9000 soldados japoneses faleceram devido a doenças tropicais, sendo que o total de fatalidades de soldados japoneses foi de 25000 combatentes (MUELLER, 1992).

Apesar disto, a marinha Japonesa tinha uma eficiência estrondosa, com grande planejamento tático e adaptabilidade a ambientes diurnos e noturnos. Tinha uma força agressiva e preparada, com um pesado armamento que combinava torpedos e tiros perfurantes. Porém um problema tático para a frota japonesa demonstrado por sua incapacidade de criar vantagem a partir de suas vitórias, que acabou culminando na derrota da frota na campanha (MUELLER, 1992).

5. QUESTÕES RELEVANTES NAS DISCUSSÕES.

Na presente seção, além das questões táticas e estratégicas, será levado em conta pontos de reflexão para as delegações presentes

- Quais seriam as possíveis rotas ou curso de ações mais vantajosas que podem assegurar controle de postos de vantagem nesta operação/batalha?
- Como traçar estratégias antes de uma batalha, com base na inteligência recebida?
- Como, usando de uma estratégia traçada anteriormente, improvisar em um cenário imprevisível e dinâmico?
- É necessário ter superioridade aérea para vencer uma batalha?
- Como fazer uso das peculiaridades de cada navio e cada posição em seu melhor modo?

6. TABELA DE REPRESENTAÇÕES

Frota Combinada da Marinha Imperial Japonesa	Frota do Pacífico dos Estados Unidos
Almirante de Esquadra Yamamoto	Capitão de Mar e Guerra Harold R. Holcomb
Capitão de Mar e Guerra Yasuhide Setoyama	Capitão de Mar e Guerra Ingolf N. Kiland
Contra Almirante Kakuji Kakuta	Capitão de Mar e Guerra Robert G. Tobin
Contra-almirante Susumu Kimura	Comandante Rihcard K. Gaines
Contra-almirante Hiroaki Abe	Comandante Thomas M. Strokes
Contra-almirante Raizo Tanaka	Contra-almirante Willis August Lee
Contra-almirante Shintaro Hashimoto	Contra-almirante Aubrey W. Fitch
Contra-almirante Shoji Nishimura	Contra-almirante Daniel J. Callaghan
Contra-almirante Tamotsu Takama	Contra-almirante Howard H. Good
Vice-almirante Gunichi Mikawa	Contra-almirante Mahlon S. Tisdale
Vice-almirante Jinichi Kusaka	Contra-almirante Norman Scott
Vice-almirante Kondō Nobutake	Contra-almirante Richmond K. Turner
Vice-almirante Takeo Kurita	Contra-almirante Thomas C. Kinkaid
Vice-almirante Teruhisa Komatsu	Vice-almirante William F. Halsey

REFERÊNCIAS

ADCOCK, Ai. **US Destroyers in Action: Part 2**. Texas: Squadron/Signal Publications INC, 2004.

ADCOCK, Ai. **US Light Cruisers in Action**. Texas: Squadron/Signal Publications INC, 1999.

BEEVOR, Antony. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução: Cristina Cavalcanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015.

GAILLEY, Harry. **The War in the Pacific: From Pearl Harbor to Tokyo Bay**. Novato: Presidio Press, 1995.

GONÇALVES, R. P. **O JAPÃO NA CONJUNTURA INTERNACIONAL DE 1930-1940**. Revista Faz Ciência, [S. l.], v. 12, n. 16, p. 199, 2000. DOI: 10.48075/rfc.v12i16.7443. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7443>. Acesso em: 16 maio. 2025.

JAMESON, Colin G. **Battle of Guadalcanal: 11-15 November 1942**. Naval History and Heritage Command, 2017. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/content/dam/nhhc/browse-by-topic/War%20and%20Conflict/WWII-Pacific-Battles/Battle%20of%20Guadalcanal%205.pdf>. Acesso em: 07/02/2025

MUELLER, Joseph. **GUADALCANAL 1942: The Marines Strike Back**. Londres: Osprey Publishing Ltd, 1992.

POLMAR, Norman. **Aircraft Carriers: A History of Carrier Aviation and its Influence on World Events, Volume 1, 1909 - 1945**. Virginia: Potomac Books Inc, 2006.

REIN, Christopher M. **Multi-domain battle in the Southwest Pacific Theater of World War II**. Fort Leavenworth: Army University Press, 2017.

U.S. History Primary Source Timeline. **Library of Congress**, [s.d]. Disponível em: <https://www.loc.gov/classroom-materials/united-states-history-primary-source-timeline/rise-of-industrial-america-1876-1900/overview/>. Acesso em: 24 set. 2024.

WHITLEY, M. J. **Destroyers of World War Two: An International Encyclopedia.**

Annapolis: Naval Institute Press, 1988.

WHITLEY, M. J. **Cruisers of World War Two: An International Encyclopedia.** Londres:

Arms and Armour Press, 1995.

SANDLER, Stanley. **Battleships: An Illustrated History of their Impact.** California: ABC-CLIO, 2004.